



As expressões ansiogênicas frente dos processos formativos da contemporaneidade: um diálogo entre a psicobiologia e os enfoques psicanalíticos

Anxiogenic expressions front of contemporary training processes: a dialogue between psychobiology and psychoanalytical approaches

Marcos Vitor Costa Castelhana¹; Flávio Franklin Ferreira de Almeida²; José Fábio Bezerra da Silva³ e Allan Douglas Alves Santiago⁴

RESUMO: A ansiedade, enquanto conceito expressivo-estruturante, ganha variadas conotações ao longo das discussões científicas, representando um conjunto de acepções amplas nas diferentes abordagens metodológicas, tendo entre as formatações óticas os fundamentos e perspectivas psicobiológicas e os enfoques psicanalíticos. Nesse sentido, o trabalho em questão discorre sobre as diferentes formatações da ansiedade perante dos processos funcionais-vivenciais da contemporaneidade, tendo como plano de fundo as comunicações dialógicas entre os estudos da Psicobiologia e as diretrizes conceituais-executórias dos enfoques psicanalíticos. Para fins de pesquisa, o estudo foi edificado a partir dos rumos metodológicos da revisão narrativa, servindo de base periódica e estruturante para as lapidações argumentativas utilizadas, tendo como fonte informacional as plataformas do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC. Em meio dos aspectos levantados, aborda-se que os diálogos entre as dimensões psicanalíticas e as abordagens psicobiológicas desenvolvem interações e visualizações peritentes na compreensão da ansiedade em suas entrelinhas subjetivas, funcionais e coletivas, promovendo, apesar da aparente diferenciação entre tais óticas, vislumbres teórico-práticos nas compreensões das expressões ansiogênicas em suas amplitudes multifatoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Contemporaneidade. Psicobiologia. Psicanálise.

ABSTRACT: Anxiety, as an expressive-structural concept, gains varied connotations throughout scientific discussions, representing a set of broad meanings in different methodological approaches, having psychobiological foundations and perspectives and psychoanalytical approaches among optical formats. In this sense, the work in question discusses the different formats of anxiety in the face of contemporary functional-experiential processes, having as a background the dialogic communications between Psychobiology studies and the conceptual-executive guidelines of psychoanalytic approaches. For research purposes, the study was built from the methodological directions of the narrative review, serving as a periodic and structuring basis for the argumentative lapidations used, using Google Scholar, Scielo and PePSIC platforms as an informational source. Among the aspects raised, it is approached that the dialogues between the psychoanalytic dimensions and the psychobiological approaches develop interactions and views that are expert in the understanding of anxiety in its subjective, functional and collective lines, promoting, despite the apparent differentiation between such optics, theoretical glimpses -practices in the understanding of anxiogenic expressions in their multifactorial amplitudes.

KEYWORDS: Anxiety. Contemporaneity. Psychobiology. Psychoanalysis.

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP E-mail: marcosvitorcastelhana@hotmail.com)

² Professor da Faculdade Católica da Paraíba. E do Centro Universitário de Patos – UNIFIP. Patos-PB E-mail: flavioalmeida@fiponline.edu.br

³ Graduado em Geografia pela UEPB, especialista em Educação Ambiental, sendo também mestrando em Ciências da Educação pela WUE.

⁴ Possui graduação em Pedagogia pela Kurius, especialização em Gestão do Ensino à Distância pela FACEM, sendo também mestre em Ciências da Educação pela Faculdade World University Ecumenical.

INTRODUÇÃO

A ansiedade, enquanto conceito expressivo-estruturante, ganha variadas conotações ao longo das discussões científicas, representando um conjunto de acepções amplas nas diferentes abordagens metodológicas, tendo como exemplo: a noção de agente causal do comportamento específico, traço de personalidade, impulso ou resultante afetiva, neurose psiquiátrica, entre outros (VAZ-SERRA, 1980).

Entre as perspectivas que visualizam as expressões ansiogênicas, os domínios voltados a Psicobiologia reúnem variados avanços nos estudos científicos-técnicos, sobretudo no campo dos transtornos de ansiedade diante das pesquisas contemporâneas, apoiando-se nos novos discernimentos abarcados pelos estudos da neurociência em suas modalidades estruturais e funcionais (NARDI; FONTENELLE; CRIPPA, 2012).

Nos enfoques psicogênicos, a exemplo das matrizes psicanalíticas, observa-se que as expressões ligadas a ansiedade a partir da ótica da vida psíquica do sujeito pulsional, visualizando os aspectos intrínsecos dos psiquismos, assim como as características próprias da civilização em seus sentidos socioculturais (CASTELHANO et al., 2022).

Seguindo as afirmativas citadas, o trabalho em questão discorre sobre as diferentes formatações da ansiedade perante dos processos funcionais-vivenciais da contemporaneidade, tendo como plano de fundo as comunicações dialógicas entre os estudos da Psicobiologia e as diretrizes conceituais-executórias dos enfoques psicanalíticos.

Para fins de pesquisa, o estudo foi edificado a partir dos rumos metodológicos da revisão narrativa, servindo de base periódica e estruturante para as lapidações argumentativas utilizadas, tendo como fonte informacional as plataformas do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC.

Sendo assim, levando em consideração as significações teórico-práticas dos saberes e práticas relacionadas aos fundamentos psicobiológicos e as diretrizes psicanalíticas nos âmbitos atuais, fomenta-se as demais partes do artigo, desenvolvendo uma ótica crítica para além do superficial.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ansiedade, em uma contextualização geral, pode ser considerada um estado de inquietação e/ou desconforto a nível psíquico, assemelhando-se as reações intrínsecas do medo, uma vez que significa as suas expressões a partir de uma recepção de perigo direcionada ao Eu, podendo gerar, dependendo de sua intensidade e frequência sistêmica, alterações fisiológicas significativas (BRAGHIROLI et al., 2012).

Segundo Braghirolli e colaboradores (2012), a ansiedade, em suas entrelinhas globais, não deve ser considerada uma expressão unilateralmente patológica, visto que as demandas ansiogênicas são fatores essenciais para os comportamentos adaptativos do sujeito, sendo considerada uma condição inerente ao ser humano em suas ativações psicológicas-orgânicas.

Nos âmbitos funcionais-estruturais da ansiedade na neurofisiologia, aborda-se a existência de a díade reação-estímulo frente das expressões agudas, fomentadas em processos de caráter imediato, e das atividades crônicas-contínuas, baseadas em condições persistentes e/ou retardantes (DAVIDOFF, 2000).

Para elucidar as diferenciações no funcionamento dessas duas condições ansiogênicas a nível fisiológico, segue o quadro abaixo comenta do as distinções entre a ansiedade aguada e a ansiedade crônica em seus características cerebrais-encefálicas:

Quadro 1- Diferenças entre a ansiedade aguada e a ansiedades crônica

Ansiedade aguada	As mensagens produzidas pelas diretrizes ansiogênicas envolvem grande parte das estruturas cerebrais e da medula espinhal, coadunando as tarefas sistêmicas do córtex cerebral e do sistema límbico diante dos processamento de informações e elaborações da emoções. Desse modo, as expressões estressoras aguadas giram em torno do conjunto de elementos imediatos envolvidos nas condições idiossincráticas da ansiedade.
Ansiedade crônica	As primeiras observações levantadas perante a noção crônica dos fatores ansiogênicos foram elucidadas por Hans Seyle, ao demonstrar que os organismos desenvolvem sistemas adaptativos para lidar com situações estressoras e conflitantes, objetivando o estado homeostático. Nesse sentido, as condições da ansiedade crônica permeariam as variações contínuas nas excitações geradas por elementos estressores, influenciando nos prolongamentos dinâmicos-funcionais.

Fonte: Construído por via de Davidoff (2000).

Ante do apresentado, observa-se que as expressões da ansiedade caminham em diferentes fontes contextuais nos âmbitos estruturais e funcionais frente dos estudos neurofisiológicos, estando presentes nos processos cerebrais agudos (imediatos) e nas elaborações dinâmicas de natureza crônica (prolongado) repercutindo nas diferentes regiões encefálicas, a exemplo do córtex cerebral, sistema límbico e medula espinhal.

Nas acepções da Psicobiologia, avista-se que o funcionamento da ansiedade, partindo de suas caracterizações categóricas, são estritamente afetados por três grupos específicos de neurotransmissores centrais, sendo eles: os noradrenérgicos, os serotoninérgicos e o ácido gama-aminobutírico (GABA). Demonstrando, por meio de abordagens-técnicas farmacológicas, que

determinadas aplicações neuroquímicas voltadas as elaborações dessas substâncias podem trazer benefícios terapêuticos vigentes (NARDI; FONTENELLE; CRIPPA, 2012).

Ainda nesse raciocínio, Graeff (1983) afirma, em seu clássico estudo sobre os fatores psicobiológicos da ansiedade, que análises estruturais-funcionais do sistema límbico, localizadas no mesencéfalo, diencéfalo e prosencéfalo, permitem compreender os dinâmicos dos neurotransmissores e das formatações setoriais dos elementos ansiogênicas nas elaborações cerebrais.

Partindo das esquemáticas neurocientíficas, visualiza-se que os estudos contemporâneos convergem noções cada vez mais precisas sobre o funcionamento cerebral, sobretudo nas entrelinhas compreensivas entre as atuações das emoções e as zonas estruturais-setoriais frente dos fenômenos psicológicas da ansiedade (BALESTRIN; DEMARCO, 2019).

Adentrando os campos psicanalíticos, a ansiedade é tratada como um estado desagradável acampanando por um desconforto físico e sentimento de alerta, estando geralmente associada noção de perigo iminente, sendo fruto das resultantes conflitivas da vida psíquica, enfatizando que o Ego, enquanto instância estrutural do psiquismo, é o único fator capaz de sentir e gerar expressões ansiogênicas (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015).

Destarte, as postulações freudianas esboçam a ideia que os fenômenos intrínsecos da ansiedade são resultados das constantes dinâmicas do psiquismo defronte de suas variadas perspectivas instanciais, tendo a estrutura egóica como centro receptor da angústia, abarcando, sobretudo, estratégias defensivas no contexto mediador (MEDNICOFF, 2015).

Para Feist, Feist e Roberts (2015), partindo dos preceitos dos vocabulários conceituais psicanalíticos, existiriam três tipologias de ansiedade possíveis perante das conjunturas formativas da vida psíquica, como visto no quadro a seguir:

Quadro 2- Os três tipos de ansiedade a partir dos enfoques psicanalíticos

Ansiedade neurótica	Tal resultante psíquica-somática giraria em torno das apreensões perante dos perigos considerados desconhecidos pelo sujeito desejante. Nessas condições, o Ego reconhece a presença indistinta dos impulsos tratados como enigmáticos, porém a sua origem pulsional, advinda do Id, é vista como incompreensível frente das dependências dinâmicas da estrutura neurótica.
Ansiedade moral	As sensações de desconfortos ligadas às situações morais são geradas por via dos conflitos instanciais entre o Ego e o Superego, tendo como plano de fundo as influências das exigências éticas-morais das vivências em sociedade e as necessidades idiossincráticas da realidade enquanto um dos princípios norteadores do psiquismo.
Ansiedade real	As condições experienciáveis de natureza ansiogênicas voltadas a perspectiva do real representam elementos semelhantes ao medo, uma vez que conota a dependência entre o Ego e o mundo externo. Desse modo, a ansiedade realista se está associada aos sentimentos desagradáveis não-particulares envolvendo possíveis perigos frente de contextos relacionados a vivência atual.

Fonte: Edificado por meio de Feist, Feist e Roberts (2015).

Perante do avistado, apercebe-se que as resultantes ansiogênicas podem variar as tipologias e fontes pulsionais, enfatizando que os domínios psicanalíticos esboçam a pertinência dos fatores psicodinâmicos da vida psíquica, indo além das certidões categóricas-orgânicas.

Em fins do funcionamento dimensional, Mednicoff (2015) comenta que as diferentes tipologias da ansiedade podem coexistir no sentido do psiquismo, dado que o sistema inconsciente, diretamente associado as diretrizes pulsionais-impulsivas, desenvolvem um funcionamento para além das suposições lógicas-sistemáticas.

No âmbito das disposições do Ego, vale ressaltar que as instâncias direcionadas a partir do eu, consideradas o centro da angústia, utilizam dos chamados mecanismos de defesa como forma estratégica-executória para lidar com os conflitos do aparelho psíquico, sobretudo, com as influências da ansiedade (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009; CASTELHANO; CRISPIM; MARANHÃO; LEITE, 2022).

No entanto, Goldgrub (2010) deixa claro que a segunda teoria das pulsões, partindo das visualizações conflitivas da vida psíquica em seus sentidos extensivos, define a teoria da ansiedade, dado que estabelece pilares, caminhos e lapidações fundamentais para a compreensão da constituição do sujeito frente de suas disposições afetivas, psíquicas e pulsionais, levando em consideração as possibilidades idiossincráticas de investimentos libidinal.

Com isso, as premissas da teoria da constituição do sujeito pulsional, atravessado pelo seu intrínseco inconsciente, são fundamentadas através da perspectiva de que o desejo estaria intrincado nos potenciais da falta, estruturando-se por via da linguagem e de suas repercussões nas formatações da subjetividade (GOLDGRUB, 2012).

Seguindo tal raciocínio, Laplanche e Pontalis (2001) abordam que ao longo do desenvolvimento psíquico o sujeito desenvolve duas maneiras de processamento pulsional para mediar com as possibilidades do prazer-desprazer, sendo pelas: o processamento primário, diretamente associados ao Id, e os processos secundários, baseadas nos princípios da realidade do Ego em suas funções.

Para pensar os funcionamentos dos processos primários e estratégias secundárias diante do enfrentamento da ansiedade a partir da ótica psicanalítica, segue o terceiro quadro elucidando as diferenciações entre essas duas formas de funcionamento pulsional:

Quadro 3- Formas de atuações dos processos primários e dos processos secundários

Processos primários	Os processos primários giram em torno das prerrogativas do princípio do prazer e desprazer, intrínsecos das disposições pulsionais do Id, tendo como principal objetivo a busca pela satisfação imediata.
Processos secundários	Os processos secundários permeiam as funções relacionadas a instância do Ego, visto que segue as objetivações do princípio da realidade em vista das

Fonte: Baseado em Laplanche e Pontalis (2001).

Diante do exposto, conota-se que, enquanto os processos primários estão apreendidos nas elaborações pulsionais do Id a partir da ótica satisfação imediata, os processos secundários, pautados diretamente nas funcionalidades do Ego, objetivam satisfação duradouras permeadas no princípio da realidade em seus sentidos impulsivos.

Nas contextualizações dialógicas entre Psicanálise e as Neurociências, Feist, Feist e Roberts (2015) abordam que os estudos de base kandleriana e solmsiana apostam que, apesar das diferenças metodológicas entre os estudos psicanalíticos e as abordagens neurofisiológicas, o saber descritivo dos enfoques psicanalíticos podem convergir perante dos funcionamentos relacionais das atividades cerebrais.

Um exemplo dessas aproximações pode ser vista no estudo de Castelhana, Cavalcanti e Maranhão (2023), indicando-se que as formatações do aparelho psíquico e de suas características estruturais são fundamentais para as construções das amplitudes psicanalíticas, demarcando diálogos assertivos com as elaborações neurocientíficas diante de novas perspectivas na contemporaneidade.

Coadunando com as suposições citadas, Nardi, Fontenelle e Crippa (2012) comentam que os estudos psicobiológicos voltados as disposições da ansiedade influem positivamente na lapidação de tratamentos farmacológicos e de intervenções de natureza psicossocial.

Em resumo, pontua-se que as acepções psicobiológicas, sobretudo as pautadas nos *insights* trazidos pelas neurociências, desenvolvem possibilidades dialógicas defronte dos saberes e conceituações psicanalíticas, abordando possibilidades metateóricas sobre as expressões ansiogênicas no contexto contemporâneo, partindo das integrações entre os aspectos subjetivos-psicossociais e os processamentos neurofisiológicos.

CONCLUSÃO

Em meio dos aspectos levantados, aborda-se que os diálogos entre as dimensões psicanalíticas e as abordagens psicobiológicas desenvolvem interações e visualizações peritentes na compreensão da ansiedade em suas entrelinhas subjetivas, funcionais e coletivas, promovendo, apesar da aparente diferenciação entre tais óticas, vislumbres teórico-práticos nas compreensões das expressões ansiogênicas em suas amplitudes multifatoriais.

Outro ponto observado, gira em torno das tendências objetivadas por cada vertente científica, uma vez que, enquanto os domínios psicobiológicos voltam as suas consolidações para os aspectos funcionais e estruturarias da ansiedade, as abordagens psicanalíticas, assim como ponderações de ênfase psicodinâmica, valorizam as esquemáticas subjetivas-coletivas das expressões da vida psíquica, demonstrando a importância de comunicações metateóricos direcionados em possíveis conclusões de natureza dialógica.

Em produções futuras, indica-se a construção de materiais e pesquisas metodológicas capazes de elucidar de maneira executória as possíveis interações e diálogos entre as fundamentações da Psicobiologia e os saberes psicanalíticos, influenciando positivamente na interdisciplinaridade científica na compreensão das características da ansiedade no berço civilizatório contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Julia Laís; DEMARCO, Taisa Trombetta. Emoções com base na neurociência e a sua ligação com os transtornos de ansiedade: uma contribuição para a área da psicologia. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira*, v. 4, p. e23386-e23386, 2019.

BOCK, Ana B.; FURTADO; Odair; TEXEIRA, M. de L. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRAGHIROLI et al., E. M. *Psicologia geral*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASTELHANO, M. V. C.; CAVALCANTI, R. J. M. ; MARANHÃO, G. G. . O aparelho psíquico e as indicações estruturais: um diálogo entre a psicanálise e as neurociências. *REVISTA COOPEX*, v. 14, p. 237-242, 2023.

CASTELHANO, M. V. C.; CRISPIM, M. E. S. ; MARANHÃO, G. G. ; LEITE, V. S. . OS MECANISMOS DE DEFESA DIANTE DA FORMAÇÃO DO SUJEITO: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA. *REVISTA COOPEX*, v. 13, p. 1-10, 2022.

CASTELHANO, M. V. C.; DANTAS, E. S. A. L. ; PEREIRA, J. E. G. ; CAVALCANTI, R. J. M. ; ABILIO, M. G. C. ; LÚCIO, E. L. A. . A ANSIEDADE E O SUJEITO CONTEMPORÂNEO: UMA VISUALIZAÇÃO METODOLÓGICA ATRAVESSADA PELA PSICANÁLISE. In: Marcos Vitor Costa Castelhana; Elyda Samara Araújo Lúcio Dantas; Jecyane Ertha Gomes Pereira; Rayssa Jamille Meneses Cavalcanti; Myrtes Gomes Cavalcanti Abílio; Emmilly Larissa Araújo Lúcio. (Org.). A

As expressões ansiogênicas frente dos processos formativos da contemporaneidade: um diálogo entre a psicobiologia e os enfoques psicanalíticos

PSICOLOGIA E O SUJEITO: BREVES DISCUSSÕES NA ATUALIDADE. 1ed. Belém-PA: RFB Editora, 2022, v. 1, p. 23-28.

DAVIDOFF, L. L. Introdução à psicologia. São Paulo: LTC, 2000.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. Teorias da personalidade-8. AMGH Editora, 2015.

GOLDGRUB, Franklin. As teorias da ansiedade e das pulsões em Freud. **Psicologia Revista**, v. 19, n. 1, 2010.

GRAEFF, Frederico G. Psicobiologia da ansiedade. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 1983.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. 4a edição. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. São Paulo, SP: Universos dos livros, 2015.

NARDI, Antonio E.; FONTENELLE, Leonardo F.; CRIPPA, José Alexandre S. Novas tendências em transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 34, p. 5-6, 2012.

VAZ-SERRA, Adriano. O que é a ansiedade?. *Revista Psiquiatria Clínica*, 1980, v. 1. P 93-104.